

SENADO EM CRISE

A sorte do senador de Brasília vai depender do que Antonio Carlos Magalhães falar hoje ao Conselho de Ética sobre a violação do painel. O ex-líder do governo acredita que o parlamentar baiano não deverá atacá-lo

Arruda nas mãos de ACM

Denise Rothenburg
Da equipe do Correio

O senador José Roberto Arruda (sem partido-DF) respirou aliviado ao saber que o ex-presidente do Senado Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) não pretende atacá-lo duramente no depoimento que fará hoje ao Conselho Ética e Decoro Parlamentar. E tem motivos para isso. As palavras do senador baiano, na avaliação que Arruda fez junto com seus advogados e políticos mais próximos, são as únicas que podem transformar o clima de cassação que vigora no Senado em suspensão temporária do mandato.

Arruda está hoje em pior situação que Antonio Carlos. O ex-presidente do Congresso tem o depoimento da ex-diretora do Serviço de Processamento de Dados (Prodasen) Regina Borges dizendo que ele nunca lhe pediu nada diretamente. Quem o fez foi o senador José Roberto Arruda, apresentando-se como portador de uma ordem de Antonio Carlos.

“SE CASSAR UM, CASSA O OUTRO. NÃO TEM COMO PUNIR O ARRUDA E PRESERVAR ANTONIO CARLOS”

De um senador do Sul do país que não quis se identificar

Além disso, o senador baiano, em discursos recentes no plenário, evitou dizer que jamais havia visto a lista com os votos de cada senador no processo de cassação de Luiz Estevão (PMDB-DF).

Arruda não só negou tudo como ainda consultou alguns senadores ao final do discurso da semana passada para perguntar se havia sido convincente. “Ele me enganou naquele dia! Enrolou direitinho!”, dizia ontem um senador maranhense. Esse senador se

referia ao fato de Arruda ter sido veemente ao dizer há dez dias, uma terça-feira, que jamais havia discutido o assunto com Regina e desconhecia qualquer lista de votação. Chegou a dizer a alguns colegas: “Matei a pau!”.

EMOÇÃO E CHORO

Esta semana, o senador foi à tribuna confessar, num discurso cheio de emoção e algum choro, que havia “consultado” Regina sobre a possibilidade de quebra do sigilo dos votos, durante o processo de cassação de Estevão e entregue a listagem ao então presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães. O discurso desta semana, incomum no meio político, acabou por condená-lo. A mentira de Arruda foi fatal para seu afastamento do PSDB e deixou sua cabeça na guilhotina política do Senado.

Mas, para os senadores, ele ainda tem condições de se agarrar ao paletó de Antonio Carlos e evitar a punição mais rigorosa, a perda do mandato. De dez senadores con-

sultados pelo Correio, oito consideram que a punição que valerá para Arruda, valerá para Antonio Carlos e vice-versa. Por isso, Arruda depende hoje do desempenho do senador baiano. “Se cassar um, cassa o outro. Não tem como punir o Arruda e preservar Antonio Carlos”, informou um senador sulista, refletindo um sentimento que se generaliza na Casa.

Por enquanto, são poucos os que pregam punições diferentes para Arruda e Antonio Carlos. Um dos únicos que declara isso de público é, para preocupação do senador do Distrito Federal, o mais importante: o relator do caso no Conselho de Ética, Roberto Saturnino (PSB-RJ). Ele diz que “a punição de um não será necessariamente a do outro” e que é preciso aguardar os depoimentos. Se a avaliação de Saturnino prevalecer, Arruda estará em maus lençóis. Mas, como o julgamento é político, a maioria acredita ser difícil punir rigorosamente um senador sem tanta expressão política e preservar ACM só por ser ACM.

“A PUNIÇÃO DE UM NÃO SERÁ NECESSARIAMENTE A DO OUTRO”

ROBERTO SATURNINO (PSB-RJ)

Relator do caso no Conselho de Ética

“RENÚNCIA NÃO”

Essa expectativa da maioria foi fundamental para levar Arruda a descartar a hipótese de renúncia, aconselhada por integrantes do PSDB e alguns amigos. Ontem à tarde, chegou a circular no Senado um boato de que ele havia renunciado. Repórteres e câmeras de televisão se posicionaram na porta do prédio principal do Congresso, na expectativa de que ele chegaria com a carta de renún-

cia em mãos. Arruda não apareceu no Senado. Da casa de um advogado a amigo, no Lago Sul, onde está hospedado há uma semana, garantiu a amigos que “a palavra renúncia” estava fora do seu “dicionário”. Um desses amigos foi o líder do governo no Congresso, deputado Arthur Virgílio (PSDB-AM), com quem conversou por telefone no início da noite. “Ele está bem mais tranquilo do que ontem”, comentou o deputado.

Outros amigos de Arruda asseguraram que, por enquanto, ele não tem por quê renunciar, já que os senadores do Conselho de Ética se mostram divididos quanto ao tipo de punição que deve proposto. E os senadores do PFL consideram que há uma chance, ainda que remotíssima, de Antonio Carlos conseguir a alquimia de transformar o clima das ruas de cassação para a suspensão do mandato. O destino de José Roberto Arruda, por mais incrível que possa parecer, está mesmo nas mãos de Antonio Carlos Magalhães.